

## O processo discursivo da charge/humor: uma forma de não-dizer?

*Ivone Lucena*

Universidade Federal da Paraíba / João Pessoa

Ler um texto é compreender os processos de produção de sentidos que nele circundam. Isto porque entendemos que é no texto que se encontram um conjunto de relações significativas relacionadas interdiscursivamente.

Se considerarmos que os sentidos não são fixos mas que estão em movimento, podemos pensar nas várias maneiras de significar. Segundo Orlandi (1999: 15), é preciso compreendermos a “língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Esta é a forma da Análise do Discurso (AD) enxergar a linguagem. O que significa dizer que, enquanto prática de leitura,

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”. (Orlandi, 1999: 15).

Concebendo a AD a linguagem como não transparente, procura enxergar os sentidos que se escondem e circulam num texto e a sua relação com a exterioridade, não se prendendo apenas atravessar o texto, como diz Orlandi (1996), para encontrar “um” sentido, mas procura atravessar o texto em busca da opacidade do(s) sentido(s) que se esconde(m) na linguagem. Sendo assim, sob a luz da AD, podemos ir em busca do(s) sentido(s) múltiplos que se escondem no texto. E, para tanto, partiremos do discurso enquanto seu funcionamento e considerando-o como o “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para sujeitos”. (Orlandi, 1999: 17). Trata-se de observar o discurso como um conjunto de práticas que estão armazenadas numa memória institucionalizada. O processo constitutivo do discurso está na memória, no domínio do saber, dos dizeres já ditos.

Assegura Orlandi (1989:31) que

a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso (...) o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do

dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Dessa forma, o que a AD propõe é “escutar” o já-dito no dito e no não-dito o que significa dizer que existe uma relação significativa entre o dizer e o não dizer, noção que encampa o interdiscurso, a ideologia, a formação discursiva. A AD parte do dizer, de suas condições e da relação estabelecida com a memória, com aquilo que se chama de “saber discursivo” e vai em direção à significação do não-dito, daquilo que é silenciado e que constitui sentido(s). Diz Orlandi (1999: 85) que “as palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio”. Em *As formas de silêncio: no movimento dos sentidos* (1997: 23), Orlandi define o silêncio como a garantia do movimento de sentidos:

Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante (...). Ele é, sim, a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do “um” com o “múltiplo”, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa

Segundo esta autora, nas palavras há silêncio e, porque silenciam, este silêncio fala por elas. E, por considerar as palavras como cheias de sentidos a não se dizer, assevera ainda, que colocamos muitas delas no silêncio. Isto quer dizer que o silêncio que atravessa as palavras é “fundante” porque podem fazer o sentido ser outro, e que os vários modos de existir dos sentidos e do silêncio podem ser o princípio da significação:

...o silêncio é a “respiração” (o fôlego) da significação, um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. (Orlandi, 1997: 13).

É o que acontece com os sentidos criados pelo emprego das palavras, o jogo de palavras e sentidos construídos no discurso da revista *Bundas* que se utiliza de outras discursividades: o humor e a charge como forma de não-dizer. O humor que reveste o discurso da supracitada revista é uma forma de esconder “o dizer”, de omitir, burlar ou brincar com a denúncia, já que os sentidos construídos pela charge/humor são produzidos em uma outra direção, conforme uma memória discursiva, significando através de outros dizeres ditos em outros lugares. As mensagens que circulam nesta revista não são mensagens para serem apenas decodificadas, mas devem ser descortinadas através do funcionamento dos discursos que se apresentam como um conjunto de práticas discursivas que se armazenam numa memória institucionalizada e que tais mensagens devem ser vistas como “efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma

forma presentes no modo como se diz” (Orlandi,1999: 30). Os sentidos construídos na revista são vestígios de outros discursos ditos em outras condições de produção e que são retomados em outro contexto sócio-histórico-ideológico convocados por uma discursividade construída por um sujeito que faz significar em uma situação.

Observando algumas charges discursivas da *Bundas*, percebemos que o que não é dito, ou o que é silenciado constitui o sentido fundamental do que a revista pretende veicular. Entre o dizer e o não-dizer (ou o silenciar), desenvolve-se uma significação construída com o jogo lúdico das palavras que remetem a outros dizeres produzindo efeitos de sentidos especiais: a denúncia, a censura sem dizer: é o não dizer no dito. O que caracteriza o discurso da citada revista é seu modo de funcionamento, seu processo discursivo que usa do recurso do riso, do humor, da charge para denunciar o que é o Brasil, seus políticos, sua corrupção, sua “cara”. Com esses procedimentos discursivos, a revista *Bundas* procura apresentar um retrato do Brasil: silenciando através do humorismo e retomando discursos e situações ditas e vivenciadas em outros momentos: um saber discursivo armazenado na memória sócio-histórico-ideológica de um país que sofre de uma corrupção que envergonha o país.

#### CHARGE 1

(Revista *Bundas*, Ano 2/ N. 63/ 29 de agosto de 2000/ p. 39)



Assim, tomemos alguns exemplos para descrição do funcionamento discursivo, as articulações dos discursos entremeados pela charge/humor para, através do riso, da “brincadeira”, denunciar a corrupção que assola o país e o estado deplorável em que se encontra o Brasil: um país de “ladrões”, de políticos corruptos, de um governo politicamente desmoralizado. Contudo, essas denúncias não estão retratadas de forma transparente nos textos que compõem a revista. Elas vêm de forma silenciada, não-dita, “escondida” pela construção do discurso humorístico, pela interdiscursividade, intertextualidade, por uma memória sócio-histórico-ideológico-discursiva que reveste o texto da referida revista. Sua forma de dizer a denúncia é silenciada pela charge/humor que é constitutiva de efeitos de sentidos.

Neste quadrinho há um processo discursivo humorístico que denuncia o governo como “ladrão”. O recurso da charge silencia, no interior da linguagem do texto, construindo a significação e garante o movimento do sentido que sai do “brincar” para o dizer não-dizendo: o governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) é ladrão. O prometer o combate de desvio de verbas no discurso do presidente é desmascarado pela “denúncia” (humorística) do telespectador. O sujeito desse discurso usa do humor, da piada para “denunciar” que o presidente da República não é honesto: desvia verbas e mente para o povo com falsas promessas.

No quadrinho 2, o humor esconde o significado real da denúncia: todos os políticos do Brasil são verdadeiros “ladrões”. O não-dizer, que é revestido pela charge e pelo valor da piada, é uma forma de silenciar a denúncia, a crítica e é um alerta para uma tomada de consciência crítica: aquela que todo brasileiro deveria ter, ao escolher seus dirigentes. O brincar com o discurso do ladrão, que promete um programa de governo agindo como se fosse um assalto, quer dizer que todos os políticos, neste país, são ladrões e demagogos. É no dito humorístico que se esconde o não-dito. E é neste silenciar que o sentido se constitui e se movimenta.

### CHARGE 2

(Revista *Bundas*, Ano 2/ N. 63/ 29 de agosto de 2000/ p. 38)



CHARGE 3

(Revista *Bundas*, Ano 2/ N. 63/ 29 de agosto de 2000/ p. 38)

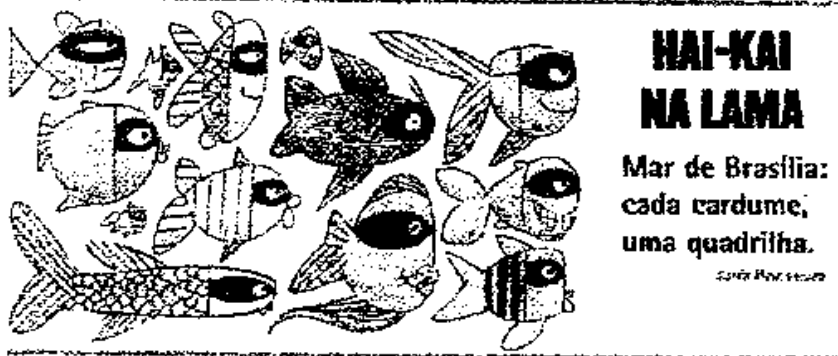


Há, neste quadrinho, um enunciador que denuncia, por trás da brincadeira, do humor, que existe, na política brasileira, corruptos que se utilizam de cargos governamentais para super-protegerem seus familiares, efetivando-se, assim, um corporativismo muito comum na política brasileira. O brincar com o discurso humorístico, faz denunciar o como se processa a política no Brasil. O não-dizer está na construção do dizer: usa do humor para mostrar que a política no Brasil é corrupta e o brasileiro já tem consciência disso. Com isso burla a censura, diz não-dizendo e constrói um alerta para os brasileiros no momento da escolha dos seus dirigentes.

CHARGES 4 e 5

(Revista *Bundas*, Ano 2/ N. 57/ 18 de julho de 2000/p.1)

**SE O PRESIDENTE PEGA LADRÃO,  
NÃO FICA UM, MEU IRMÃO.**



Nas charges 4 e 5, há uma denúncia que foi burlada pelo lúdico: o brincar com a linguagem verbal e não-verbal, torna o texto descompromissado com uma verdade e silencia um discurso verdadeiro: O presidente FHC compra posições, discursos e atitudes do senado e, por isso, mantém uma “ditadura branca” cujos resultados são satisfatórios para uma política por ele desenvolvida. O discurso, que reveste de humor o texto, constrói um sentido de denúncia: o presidente FHC compra tudo com dinheiro e ganha todas as propostas e se esconde para não ser acusado de envolvimento nos roubos do país.

CHARGES 6 e 7

(Revista *Bundas*, Ano I/ N. 42/ 4 a 10 de abril de 2000/ p. 5 e 27)



As charges 6 e 7 dizem respeito às críticas do enunciador no que tange ao aumento do salário mínimo do Brasil. O sujeito do discurso critica, acusa, denuncia que o governo não tem respeito ao trabalhador e que o salário mínimo do país não corresponde às necessidades básicas do trabalhador nem tampouco tem respeito por ele. Tanto o salário quanto o aumento são zombados como “trocados”, o que significa dizer que o salário é um trocado de dinheiro, uma gorjeta portanto, indigno do trabalhador. Esta verdade da mensagem se faz silenciar pelo discurso humorístico que reveste de significação específica o texto. O dizer humorístico constitui o efeito de sentido que está por trás do texto e que já foi dito em outros discursos produzidos em outros lugares e por outros sujeitos que respondem por uma ideologia institucionalizada por um aparelho sindical.

Consoante esta leitura, podemos concluir que o processo discursivo piadístico é o responsável pela construção dos sentidos que se movimentam entre o dizer e o não-dizer veiculado pelo jogo de palavras, pelo humor, pela crítica que se esconde, na charge/humor, definindo então o silêncio como a garantia desse movimento de sentidos. E é neste “silêncio fundante” que os sentidos tornam-se outros e são estes vários modos de existir dos sentidos que se constitui a significação do discurso da revista *Bundas*: procura **dizer** através do **não-dizer**, brincando com a opacidade da linguagem todavia trazendo, nas suas entranhas, o significado do **não-dizer**.

### **Bibliografia:**

- ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- Revista *Bundas*, Ano 1/ N. 42/ 4 a 10 de abril de 2000
- Revista *Bundas*, Ano 2/ N. 57/ 18 de julho de 2000
- Revista *Bundas*, Ano 2/ N. 63/ 29 de agosto de 2000